

DESFOLHAMENTO CULTURAL: O TRÁGICO DESENCANTADO

João de Jesus Paes LOUREIRO
paesloureiro@hotmail.com

Para minhas alunas e alunos da ETDUFPA.

A dúvida é a tragédia do destino.

O que é trágico em face do destino velado não é o reconhecimento, mas a dúvida.

Seja sob a ideia da predestinação, seja como possibilidade de mudança, a dúvida é que faz o destino ser provocador de uma existência tensa e “agônica”.

A dúvida inquietando a vida e a noção do destino é a ave trágica que se debate na gaiola do ser.

O homem sabe que nasceu e tem a certeza da morte como limite. A expectativa pelo desfecho, pela maneira de como há de ocorrer a travessia única entre montante e jusante, é o que sustenta a ação da narrativa teatral. Essa é uma questão nuclear de estrutura e recepção do teatro que reproduz de modo similar a escritura de uma vida. Sabemos qual será o desfecho, mas não sabemos como poderá ocorrer.

Estas notas pretendem oferecer algumas reflexões sobre o tema, na forma de cenas, tendo didascálias teóricas associadas de modo intercorrente ao texto protagonista.

PRIMEIRA CENA.

Desde o esclarecimento iniciado por H. R. Jauss a respeito da estética da recepção, que o papel de leitores e espectadores tornou-se reconhecido como dado fundamental de um horizonte de esperas, no usufruto da obra de arte. Baumgarten havia valorizado o gozo estético tanto no plano individual como coletivo. As mídias tecnológicas vêm aumentando a difusão das artes, criando certo dinamismo vertiginoso e incessante na experiência estética. Ao mesmo tempo, o novo atualiza o que denomino de **desfolhamento cultural** em busca das origens, de outras camadas de significação, outras pétalas anteriores na história cultural, desvelando começos, equivalências, modelos, ressonâncias.

Nelson Goodmann admite ser a arte um problema de conhecimento e não de representação, admitindo a possibilidade de

separação entre o estético e o artístico, com o que estou de acordo. Considera que a linguagem é um sistema de símbolos que oferece condições à fabricação das obras. Nesse âmbito, não distingue separações essenciais entre os processos produtivos de experimentação estética e o científico. Cada qual dessas áreas de atividade realiza a sua maneira de conhecer e fabricar seus mundos. Ou, o mundo. Não são, portanto, versões do mundo, mas modos de fabricá-lo. No campo da arte, o papel da estética será o de perscrutar o seu sistema simbólico e como ele passa a funcionar enquanto mundo criado.

Lançando a pergunta: “Quando há arte?”, Goodmann complementa dizendo que a arte existe quando uma coisa (acrescento: como um fato semiológico, isto é, signo autônomo e auto-expressivo, segundo Mukarovsky) funciona simbolicamente como arte. Além dessa questão, outra pergunta: “Por que isso é arte?”. Considera, portanto, que a arte torna-se arte quando situada em um contexto em que é reconhecida como tal e o contexto cultural legitima essa conclusão. Quando um objeto é visto como arte, passa a funcionar como arte.

Vale lembrar, ainda, Arthur Danto, a respeito desse tema. Para ele a arte é fruto de uma transfiguração do banal, do lugar comum. Poderemos pensar que a condição de ser obra de arte é um pressuposto que a própria obra cria, a partir do seu reconhecimento como tal.

Há uma nova lógica cultural em curso. A arte atual combina novos materiais, novas técnicas, da mídia ao mercado. Com isso, há certa expansão das fronteiras da arte, como reflexo da evolução tecnológica, do cosmopolitismo estético, cultural, mestiçagens, hibridizações de estilos, de formas ampliadas do poético.

Sabemos, desde Suzanne Langer, que a arte é, independente de escolas, épocas e estilos, a criação de formas expressivas do sentimento humano. São formas resultantes de formatividade, como pensa Luigi Pareyson, que produzem objetos perceptíveis visuais, auditivos, imateriais, que expõem objetivamente a natureza da vida do sentimento humano.

A criação de formas artísticas e variáveis torna a arte como expressão simbólica de uma cultura, colocando-nos à sombra teórica de S.Langer. A variabilidade dessas produções formantes de formas candidatas à contemplação, decorrem da natureza das ideias que o artista tem interesse em expressar, dos materiais e recursos existentes no momento, das técnicas apropriadas ao uso do material, das condições e condicionamentos do meio ambiente físico e cultural e a resposta do público na sua imprevisível recepção.

Não há como não ter a interioridade do sentir as ideias artísticas antes de objetivá-las na obra, independentemente do modo de produzi-la. Impossível fugir ao espiritual na arte, tal qual percebido por Kandinsky. Mesmo quando o artista se vale de materiais e temas antes considerados

não-artísticos, como o “ready made”, nas pessoas dotadas de intuição e sensibilidade artística, há esse movimento de exteriorização do interior.

Enfim, neste esboço desprezioso e aberto, podemos concluir, ao lado de Ortega y Gasset, pela pregnância humana da arte, quando o grande pensador inverte o princípio cartesiano e diz: “Existo, logo penso”. Com isso institui o “vitalismo” que assegura ser a vida o único real existente. Não sou eu o real, e nem a mente. Mas, a vida. E a vida é uma dialética entre o eu e a situação em que me encontro: “eu sou eu mesmo e minhas circunstâncias”.

Estendendo para o artista essa visão de protagonista do vitalismo, pode-se adotar o que diz ainda Ortega y Gasset em suas “Meditações”, referindo-se a Dom Quixote: esse personagem mítico da literatura deve ser visto como sendo a imagem da celebração criativa do indivíduo capaz de criar a sua própria vida. Entendo que esta é a atitude do artista atual, que se sente um inventor da própria Arte, para criar a sua obra. É nesse arco breve de pensamento até aqui distendido, que desejo desferir a flecha das idéias que pretendo apresentar na direção do trágico e do destino.

SEGUNDA CENA

Dialoguemos sobre o trágico e sua relação com o destino.

Werner Jaeger, em sua monumental “Paideia”, onde estuda a formação do homem grego, acentua que a tragédia traz de novo à poesia grega a capacidade de abarcar a unidade de todo o humano. Refere-se a uma cultura que entrelaça religião, arte e filosofia numa unidade cimentada, tendo na tragédia, provavelmente, a sua mais alta representação. Lugar do êxtase dionisíaco de um povo na disponibilidade do entusiasmo e da emoção.

Não foi um conceito prévio do trágico que originou a tragédia. Mas após a consolidação do gênero foi que o sentido do trágico emergiu, tornando-se o seu “ethos”. Há uma força demoníaca irresistível que arrasta os seres para a desgraça. Porém o ato de conhecer faz responsável por sua ruína aquele que conhece. É a “infelicidade imprevisível” que acompanha o homem como um mau presságio. Uma espécie de acauã piando agouros, pousado no seu ombro.

O destino não está mais no mundo dos deuses, mas no próprio homem. No organismo complexo de carne e osso.

O DNA é a metáfora da vida.

Pela via biológica da matéria orgânica, o microscópio eletrônico não descobre a “alma”. Na Grécia, realista, mas não científica, a alma é o núcleo do homem grego e é de onde refluí o destino. O DNA está no corpo. O presságio está na intuição da mente. A predestinação do cidadão é a tragédia do destino que vem de fora. O homem, pelo DNA, é o cosmo

do trágico que está dentro dele. E a hereditariedade é o seu devir.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

Na tragédia de Sófocles, diz W.Jaeger, é a própria essencialidade oposta ao que não tem essência. No celebrado autor de “Édipo Rei” a tragédia atinge seu ponto culminante.

Os autores, psicólogos evolucionistas, David e Nanelle Barash dizem que na obra de sua autoria *Os ovários de Madame Bovary*, “são unidos dois mundos: o da literatura e o da ciência, mostrando de que modo é possível lançar uma luz sobre a ficção graças à aplicação inovadora do comportamento humano da mais importante ideia da biologia que é a evolução” (BARASH; BARASH, 2006, p. 21).

Ainda mais: Os biólogos compreendem que uma das principais razões para Emma (Emma Bovary) querer fazer sexo com Rodolphe, Léon e com o marquês (este último uma ligação não consumada) é porque no mais íntimo do seu ser (no DNA do seu cérebro) ela ouviu um sussurro subliminar darwiniano que provocou comichão nos seus ovários, ainda que ela não admita isso e que provavelmente teria, numa atitude consciente, tentado agir contra esse resultado.

O trágico da predestinação grega é a inevitabilidade da anulação da dor. O perfil invisível do sofrimento humano. O DNA permanece também como o império da dúvida diante do futuro. Assim como em um mau destino, o DNA revelador de adoecimentos, a vida como bem mais elevado é rebaixada pela horizontalidade do fim. O homem não quer completar a sua existência como sofredor, mas essa dúvida estraçalha a felicidade dentro dele mesmo.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

O Corifeu, no final da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles, exclama: “Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos, não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade, antes de ele cruzar as fronteiras da vida inconstante, sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento” (SÓFOCLES, 1990, p.96).

Há diferenças seculares entre o trágico decorrente da predestinação, no mundo grego e o DNA. Há uma superposta poética da tragédia acumulada de substâncias culturais. A própria filosofia do trágico já superpõe camadas reflexivas de imensa profundidade. Aristóteles e Schelling estão na base dessas tendências. A filosofia do trágico se desdobra com Hegel, Schopenhauer e Nietzsche.

Nas suas cartas filosóficas sobre o dogmatismo e criticismo, Schelling diz que: “A tragédia grega honrava a liberdade humana ao fazer

o seu herói lutar contra o poder superior do destino: para não ultrapassar os limites da arte, tinha de fazê-lo sucumbir, mas, também, para reparar essa humilhação da liberdade humana imposta pela arte, tinha de fazê-lo expiar – mesmo que através do crime perpetrado pelo destino...” (SZONDI, 2004, p. 29).

A essência da liberdade do homem é vista como dialética por Hegel. O conflito entre a liberdade e a necessidade não tem vencedores nem vencidos. Há uma voluntariedade na aceitação da punição.

Hegel, diz que: “A tragédia consiste nisso – a natureza ética, a fim de não se misturar com a natureza inorgânica, separa-se de si mesma como um destino e se coloca frente a ela; e, pelo reconhecimento do destino na luta, a natureza ética é reconciliada com a essência divina, como a unidade de ambas” (*Ibidem*, p. 37).

Para Hegel há uma identificação, mesmo no cristianismo, âmbito cultural cristão, portanto, do termo “destino” como a ideia associada ao trágico. Ideia que aparece de modo equivalente na concepção da tragédia. Essa nova peculiaridade do destino ele exemplifica com a tragédia *Macbeth*, de Shakespeare.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

Goeth: “Todo o trágico baseia-se em uma oposição irreconciliável. Assim que surge ou se torna possível uma reconciliação, desaparece o trágico” (*Ibidem*, p. 48).

Romanticamente, Goeth desloca a morte do herói trágico para a partida. Não se diz que partir é morrer um pouco?...

Nietzsche: “Quem nunca experimentou a necessidade de, ao mesmo tempo, olhar e ansiar por algo além do olhar, dificilmente imaginará como esses dois processos subsistem lado a lado, de modo tão claro e definido, como quando se faz uma consideração do mito trágico” (*Ibidem*, 67).

Simmel conecta o conceito do trágico com o da vida. Para ele a fatalidade trágica resulta de que as forças aniquiladoras voltadas para um ser originam-se precisamente das camadas mais profundas desse mesmo ser, e com sua destruição cumpre-se um destino que está ancorado nesse mesmo ser e constitui, por assim dizer, o desenvolvimento lógico justamente da estrutura com a qual o ser construiu sua própria positividade.

Optando pela filosofia da história da tragédia, Walter Benjamin, na “Origem do Drama Barroco Alemão”, valoriza na poesia trágica a ideia do sacrifício. Pensa que o conteúdo das ações heróicas, assim como a língua, pertencem ao povo. A ideia de tragédia então há de se constituir a partir do sacrifício. A tragédia implica no paradoxo, no efeito perverso do esperado.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

Êsquilo. Aquiles: “Assim falou a águia, ao perceber as penas
na flecha que a perfurava:
Então, somos abatidas
por nossas próprias asas.”

O cristianismo mudou o rumo da cultura ocidental e, nela, a noção de destino. Antes, no mundo grego, tratava-se do crime contra a divindade. No mundo cristão a tragédia decorre da individualidade e da consciência. O homem colocado no centro do universo, após a Renascença e o evolucionismo de Darwin, tem no seu próprio corpo, traçadas as linhas do destino. Pintura corporal irremediável. A salvação desejada conflita com o desejo de uma vida longa, pois isto adiaria a sonhada vida eterna de felicidade. E o desejo de uma vida longa tem seus enigmas impressos no DNA. A tragicidade está na própria vida biológica do homem. Uma tragicidade que emerge do exame do DNA: o momento do “agonistes”, o “agon”, o agônico.

TERCEIRA CENA

Como expressão simbólica de uma cultura, a arte há de, nessa condição, existir e se transformar. Na medida em que, sendo objeto produzido como arte possa instituir seu produtor como artista, ambos pertencentes ao campo de uma cultura que os considera como tais. O artista faz a arte e a arte faz o artista. Seja como ilusão, idealizada por Platão; seja como perspectiva científica no Renascimento; seja como fabricação no Bauhaus; seja na busca de transfiguração do banal; seja na cooperação virtuosística com a máquina; em todas essas dimensões, continua como fundamental para a arte a ideia criadora e original, ou, mesmo, produtora de mundos.

A capacidade humana de simbolizar e criar símbolos é que impulsiona o homem a fazer mundos, sonhados e exacerbados pela verdade da ilusão.

Dois aspectos acompanham as vidas da arte: a capacidade de acatar normas, seguir regras, intercorrente com a rebeldia transgressora. São aspectos que entram no jogo de uma dialética recursiva. Aceitar e seguir regras para, ao mesmo tempo, transgredi-las. Transgredir, para seguir as regras resultantes da transgressão. Crucificar-se nas regras para ressurgir em nova transgressão. É um livre jogo.

Na atualidade, a experiência estética ultrapassando a relação com as artes, tornou-se flutuante a envolvente. Eis, porque, Yves Michaud passa a considerar a arte como vivendo em “estado gasoso”. Ou seja, a arte se vai expandindo como gás, penetrando em todos os

lugares e espaços, impregnando objetos ou situações que não teriam, em outro contexto, a condição possível de artisticidade. A experiência estética, portanto, se expande e democratiza. Há uma aproximação entre arte e não-arte e a conversão da não-arte em arte, depois de Marcel Duchamp, Andy Warhol e a Pop Art. Tudo pode ser ou resultar em arte. A arte passa a ser confundida com o jogo livre da imaginação, desde as instalações e a institucionalização da performance.

Há um gosto de brincar com as regras, prazer na sua transgressão, vaidade em demonstrar virtuosismo na produção de formas. A arte resultante dispensa meditação ou recolhimento. A aparência não busca mais ser a aparência essencial de uma essência. Mas, a aparência limitada, circunscrita a si mesma, à sua própria superficialidade. Forma esvaziada de conteúdos, num apanágio da exterioridade superficializada ou da superficialidade feito aparência.

Talvez a arte atual nos descortine uma humanidade que deseja brincar, produzir a invenção da criatividade, desejosa do prazer formante de formas simbólicas, estimulada pelo hedonismo, aproximada do científico e afastada cada vez mais do sagrado.

É a partir destas lembranças que desabotoamos outra parte da questão: a cadeia do DNA, representada por uma emblemática e pregnant dupla hélice, molécula de vertiginosa iconização no mundo atual. A representação dessa molécula é de plástica visualidade e de invejável equilíbrio estético. Escada em caracol ascendente, signo alegorizado pelas voltas em degraus do círculo ascensional na Divina Comédia, de Dante. Dupla hélice. Uma espiral duplicada enovelando-se com inegável elegância visual.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“O biólogo americano James Watson entrou pára a história nos anos 50 como um dos descobridores da estrutura do DNA, a molécula que contém o material genético de todo ser vivo. Aos 79 anos, o pioneiro, que sempre adorou uma polêmica, volta a lançar polêmica. Watson se tornou a primeira pessoa do mundo cujo genoma foi desvendado e divulgado a quem tiver curiosidade de conhecê-lo” (REVISTA ÉPOCA, 2007, p. 62).

Poema de Thomas Hardy sobre “Hereditariedade”, citado em “Os ovários de Mme. Bovary”:

Eu sou o rosto da família
A carne perece, eu sigo vivendo
Projetando as fisionomias, os traços
Ao longo dos tempos,
E saltando de lugar em lugar

Sobre o esquecimento.
As feições herdadas pelos anos podem
Na curva e na voz e no olho
Ignorar o tempo humano
De vida – que sou eu;
O que há de eterno no homem,
que não ouve o chamado da morte.
(BARASH; BARASH, 2006, p. 134).

O DNA, por sua apenas aparência, seria uma molécula estética e contemplativa. No entanto, ela participa de processos fundamentais para a vida: a síntese de cada uma das proteínas da coleção que caracteriza o organismo em suas particularidades (traços individuais) e como membro de determinada espécie.

A carga simbólica das metáforas do discurso escrito e suas codificações, na compreensão da dupla hélice, está processando momentos determinados de “transcrição” e “tradução”, para suas relações com a hereditariedade.

O DNA é a metáfora da vida.

É normal que os textos sobre o DNA façam referência a Gregor Johann Mendel, pai da genética moderna, que, com experiências feitas entre 1856 e 1865 cruzando centenas de pés de ervilha, tenha formulado as leis do determinismo, por um par de fatores herdados – um da mãe e outro do pai – e que esses fatores podem ser dominantes ou recessivos.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“Em abril, o laboratório irlandês Decode Genetics lançou o primeiro teste para indicar predisposição ao diabetes tipo 2” (REVISTA ÉPOCA, 2007, p. 62).

É verdade que tem havido cautela nos cientistas quanto à questão de confirmar ser o DNA o composto químico da hereditariedade. Porém, essa noção impregnou a popularização cultural da sigla. De sorte que, no âmbito geral dos formadores de traços influentes em nosso tempo – na comunicação, nas camadas populares, na recepção da sigla DNA –, está coexistente a ideia de hereditariedade, quase uma forma científica de predestinação. Há uma perceptível aceitação popular ampla da ideia, uma crença (ainda que os cientistas asseverem ser sem fundamento) que há um determinismo genético. Essa é a significação que mais se alastra e que aparece ainda como forma de temor, de credence, de tabu, diante do que pode acontecer como expectativa trágica da existência entre o nascimento e a morte. O começo e o fim estão claramente definidos e não há como duvidar. Mas, como poderá decorrer a vida, no afastamento

de um e na aproximação do outro.

Após o advento do DNA, o antigo vaticínio emitido pelo Áugure grego sobre o destino traçado para o cidadão foi substituído pelo diagnóstico. A visão premonitória do Áugure, pelo exame laboratorial. Aquela proposição vinha fundada na crença no poder visionário e místico do homem. Este, na capacidade científica do médico.

Em ambos, no entanto, perdura a imagem do “nó” trágico do destino que não pode ser desatado. É impossível para ambos modificar o passado, pois nada pode fazer com que o que foi não tenha sido. E na crença popular, assim como na cultura ampliada pelas comunicações mundializadas e hegemônicas, o futuro também não pode ser modificado.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“Um teste genético positivo para uma doença incurável pode se transformar num tormento para toda vida. Watson não concordou com a divulgação do trecho do seu DNA que poderia indicar se ele corre o risco de ter mal de Alzheimer” (*Ibidem*, p. 63).

Mesmo que haja indícios para a cura ou a mudança futura, perdura a incerteza diante de algo que está traçado para ser como está registrado para ser, no DNA. Uma forma do sublime biológico.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“O descoberto segredo da vida”. Manual de instruções da espécie humana, como diz Watson. Revelação de substância da hereditariedade. Armazenamento do texto escrito da vida por antecipação.

O DNA torna-se mito.

É através das proteínas que ele exerce a magia controladora sobre as células, sobre o crescimento e sobre a vida como um todo, afirma Watson. O genoma é a totalidade das instruções gênicas existentes no núcleo da célula. Elas estão presentes em cada um de nossos sucessos e em cada história de fracasso, inclusive a derradeira: em maior ou menor grau, estão envolvidos em todas as causas de mortalidade, exceto os acidentes, segundo o citado cientista. Além disso, ele considera que o genoma humano contém a chave da nossa humanidade. A própria natureza humana estaria inscrita nesse livro.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“A pesquisadora Collen McBride acredita que: A informação genética pode ajudar a quebrar as barreiras que construímos para negar que nossas atitudes têm impacto sobre nossa saúde. A informação

também poderia gerar o efeito inverso. A pessoa pode decidir não adotar nenhuma forma de prevenção ou tratamento caso interprete o resultado do exame como uma sentença de morte” (*Ibidem*, p. 64).

A identificação genômica é conhecida como DNA forense.

Tem sido usada para estabelecer provas definitivas de culpa ou inocência em processos criminais. J.D.Watson cita casos emblemáticos a esse respeito, como a demonstração da inocência, em 1998, de Martin Lamont Andersen, negro americano, de 34 anos de idade. Estivera preso sob a acusação de estupro brutal de mulher branca, durante quinze anos na Penitenciária Estadual de Virginia, EEUU. Após o julgamento, um cidadão chamado Lincoln havia confessado, sob juramento, o crime. Mas, o juiz, considerando-o mentiroso, recusou-se a tomar providências. Foi quando Andersen procurou o Inocence Project, que através de seus advogados, comprovou a inocência de Andersen, por via do exame do DNA. Inicialmente, o diretor do Departamento Criminal da Virginia considerou um “precedente indesejável”. Somente após uma nova legislação foi reconhecida a inocência de Andersen, que recebeu o perdão. A impressão genômica da cena do crime, segundo Watson, confirmou ainda a culpabilidade de Lincoln, finalmente preso e condenado.

Lembrei, numa ressoante memória teatral, o caso de reconhecimento e identificação de Édipo como assassino do Pai, Laio, na tragédia de Sófocles. Nesse caso, a identificação reconhecedora partiu do oráculo Tirésias, leitor do destino por meio de vaticínios.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“Enquanto a sociedade está longe de responder a esses dilemas éticos, os pesquisadores estão certos de que cada vez compreenderão melhor até que ponto a genética determina o que somos e o que seremos. Mais cedo ou mais tarde, cada um de nós terá que decidir o que fazer com nossas informações genéticas. Mantê-las em segredo e bem guardadas onde sempre estiveram ou conhecê-las a fundo para ter a sensação de poder escolher o próprio destino” (*Ibidem*, p. 64).

Alguma fala de Édipo, insistindo com o oráculo Tirésias, para saber os malefícios do destino que atingiam Tebas, o que, na ironia trágica, é a própria decifração do seu destino culpado: “Tu, que apreendes a realidade toda, Tirésias, tanto os fatos logo divulgados quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu e os deste mundo... Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre de um homem é ser útil aos seus semelhantes até o limite de suas forças” (SÓFOCLES, 1990, p. 66).

(...)

Édipo: “Move-te apenas, Édipo, teu interesse, e dou-te o mais conveniente dos conselhos!

Édipo: “Admito, mas esse conselho me desgosta”.

Jocasta: “Ah! Infeliz! Nunca, jamais soubesses quem tu és! (*Ibidem*, p. 34).

O analista do DNA passa a ser uma espécie de instrumento profético, signo carismático pós-moderno. O novo Tirésias é o biólogo, não mais um mago, substituindo o voo dos pássaros e as vísceras de ovelhas, pelo laboratório e reagentes químicos, na leitura do destino antes competência dos augures.

Em sua maioria (há documentação sobre isso) mulheres que através de exames descobrem que geram um feto afetado com Down optam por interromper a gravidez.

Laio e Jocasta, na tragédia de Sófocles, diagnosticados do que o destino reservava de males para seu filho Édipo, ordenam a um serviçal que o mate. O serviçal, por piedade, o salva. Mas, salvá-lo é sentenciá-lo a seu destino fatal. Efeito perverso. Salvar é condenar.

Ainda, mais um exemplo em Watson. Um jovem cujo avô morrera de doença de Huntington e o pai decidira não fazer o teste para saber se desenvolveria a doença, ficando com 50% da dúvida pesando sobre seus ombros, decidiu realizar o teste. Queria desvendar a dúvida diante da possibilidade de herdar a doença. A mãe, no entanto, o impediu de fazer o exame, porque a necessidade de constatação do filho se anulava em face do direito do marido e pai se proteger da certeza de saber aquilo que poderia ser uma devastadora sentença de morte.

DIDASCÁLIA TEÓRICA

“Enquanto a sociedade está longe de responder a esses dilemas éticos, os pesquisadores estão certos de que cada vez compreenderão melhor até que ponto a genética determina quem somos e quem seremos. Mais cedo ou mais tarde, cada um de nós terá de decidir o que fazer com nossas informações genéticas” (REVISTA ÉPOCA, 2007, p. 35).

Do “Édipo Rei” de Sófocles:

Jocasta: (tentando dissuadir Édipo de buscar a verdade de seu destino, que ela já pressentia funesto) “Peço-te, pelos deuses! Se ainda te interessas por tua vida livra-te dessas ideias. (À parte) “Já é demasiada minha própria angústia.”

(Diante da Obstinação de Édipo)

Jocasta: “Ah! Infeliz! Nunca, jamais saibas quem és!...” (SÓFOCLES, 1990, p. 74).

Pressionado por Édipo para confirmar seu vaticínio, o áugure Tirésias se angustia, pois sabia ser uma revelação desastrosa.

Tirésias: “Pobre de mim! Como é terrível a sapiência quando quem sabe não consegue aproveitá-la” (*Ibidem*, p. 34).

A doença genética gera malefícios para os descendentes. O mau destino genético de um cidadão trará castigo para si e seus descendentes. No caso da Grécia antiga, também para a cidade, caso o portador do mau destino seja um governante e ofenda os deuses protetores. A tentativa de curar é equivalente à de enganar o destino, fugir dele. Segundo Watson, o conhecimento genético continuará sendo algo assustador enquanto não conhecermos, nesse estágio intermediário, o poder de curar além do de diagnosticar.

O vaticínio do Oráculo grego podia diagnosticar, mas não seria capaz mudar o destino!

CORTINA

Penso que, na atualidade, estamos diante de uma nova motivação do trágico, fruto de um destino marcado. Procedemos, até aqui, um breve desfolhamento cultural desse tema a partir da ciência biológica atual até o teatro grego. E percebemos o reflexo do desencantamento do mundo conceituado por Max Weber, nesse evento dessacralizador da noção clássica do destino do trágico, na atualidade. A dúvida no destino, “ethos” da tragédia, veio resvalando desde a condição de poder superior da mente dentro do homem, para o poder separado do indivíduo, no sistema tecnológico “autônomo” e perito da biologia que é o laboratório.

Entendo como **desfolhamento cultural** o processo descritivo-interpretativo da história cultural de algo, através do qual se vai revolvendo as camadas conceituais acumuladas ao longo do tempo, procurando perceber as suas motivadoras significações anteriores originárias. A retirada das folhas do tempo sem perder a sua continuidade como ramo.

Trata-se de uma construção significativa das origens possíveis e etapas de seu processo evolutivo, objetivando o espelhamento compreensivo na atualidade da pesquisa. Tentar perceber o traço da sua coerência conceitual identificadora que pode unir esse trajeto do objeto dado através das variações condicionadas pela evolução cultural. Empreender a navegação do estuário à foz em um rio que, modificando-se sem cessar, permanece rio que liga pelas enchentes e vazantes os dois extremos. Perceber aquilo que é pelo que já foi e, de certa maneira, permanece sendo numa outra forma de ser.

Tanto no vaticínio grego, como no diagnóstico genômico, temos a angustiante e trágica dúvida em face da necessidade de conhecer aquilo que não queremos conhecer. O temor agônico de que o conhecer não sirva a quem conhece. Claro que a predestinação é diferente da predisposição. Mas, aqui, não estamos trabalhando apenas no campo do rigor científico. Trata-se de perceber também o senso comum de recepção

das pessoas em uma época. Entrelaçamos significados e significações entre arte e ciência, culturas e desejos. Os ardores e temores diante da maravilha de viver.

REFERÊNCIAS

- BARASH, P. David; BARASH, R. Nanelle. **Os Ovários de Mme. Bouvary**. Trad. Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Mário da Gama Koury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1990.
- REVISTA ÉPOCA. Edição 488, setembro de 2007.
- JAEGER, Werner. **Paideia**. Trad. Arthur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- LEITE, Marcelo. O DNA. **Publifolha**. São Paulo, 2003.
- SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- WATSON, D. James. **DNA o segredo da vida**. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.